

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
UNIDADE ACADÊMICA DE MEDICINA VETERINÁRIA
CÂMPUS DE PATOS-PB

LUMARA LAIANE GOMES DE OLIVEIRA

**IMPORTÂNCIA DO CÃO-GUIA PARA DEFICIENTES VISUAIS ATRAVÉS DE
RELATOS OBTIDOS NO CENTRO DE TREINAMENTO DE CÃO-GUIA DO
INSTITUTO MAGNUS NO ESTADO DE SÃO PAULO.**

PATOS - PB

2019

LUMARA LAIANE GOMES DE OLIVEIRA

**IMPORTÂNCIA DO CÃO-GUIA PARA DEFICIENTES VISUAIS ATRAVÉS DE
RELATOS OBTIDOS NO CENTRO DE TREINAMENTO DE CÃO-GUIA DO
INSTITUTO MAGNUS NO ESTADO DE SÃO PAULO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Médico Veterinário pela Universidade
Federal de Campina Grande.

Orientador(a): Profa. Dra. Rosângela Maria Nunes da Silva

PATOS – PB

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CSRT DA UFCG

O48i Oliveira, Lumara Laiane Gomes de
Importância do cão-guia para deficientes visuais através de relatos obtidos no Centro de Treinamento de cão-guia do Instituto Magnus no Estado de São Paulo / Lumara Laiane Gomes de Oliveira . – Patos, 2019. 40f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina Veterinária) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, 2019.

"Orientação: Profa. Dra. Rosangela Maria Nunes da Silva."

Referências.

1. Treinamento. 2. Cão. 4. Família socializadora. 5. Inclusão
I. Título.

CDU 616:619

LUMARA LAIANE GOMES DE OLIVEIRA

**IMPORTÂNCIA DO CÃO-GUIA PARA DEFICIENTES VISUAIS ATRAVÉS DE
RELATOS OBTIDOS NO CENTRO DE TREINAMENTO DE CÃO-GUIA DO
INSTITUTO MAGNUS NO ESTADO DE SÃO PAULO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Médico Veterinário pela Universidade
Federal de Campina Grande.

APROVADO EM 11/07/2019

EXAMINADORES:

Prof. Dra. Rosângela Maria Nunes da Silva – UAMV/CSTR/UFCG
(Orientadora)

Prof. Dr. Almir Pereira de Souza – UAMV/CSTR/UFCG
(Membro examinador)

Prof. Dr. Gildenor Xavier Medeiros – UAMV/CSTR/UFCG
(Membro examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e a minha família que são a minha base, aos meus amigos “cabaneiros” que fizeram e fazem parte da minha vida para todo o sempre. Para todos os cães que fazem esse trabalho lindo e especial de dedicar sua vida para melhorar a de outras pessoas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem Ele eu não tinha conseguido. Ele é a minha base, o meu refúgio, a minha fortaleza. Em todos os momentos da minha vida Ele esteve comigo, quando eu não aguentava mais andar Ele me carregava no colo. Nesses últimos dias Ele me ensinou o segredo de confiar e descansar, porque pra mim o que era impossível pra Ele era só questão de tempo. Ele me ensinou a ter calma e fé, que tudo daria certo. E a entender que “achamos que controlamos nossos destinos, mas, cada passo que damos caminhamos sobre as palmas das mãos de Deus, e jamais houve quem pudesse impedir que seus planos se cumprissem” (FRANKLE BRUNNO, 2019). A caminhada foi árdua, mas os planos dele na minha vida, até aqui, se cumpriram.

Agradeço a minha família por serem tudo na minha vida, a minha força vem deles, cada obstáculo que enfrentei foi por eles, que no dia a dia me ensinam os significados das palavras força, perseverança, fé e gratidão. Meus pais e aos meus irmãos eu devo o que eu sou e são a minha fonte de inspiração e de luta.

Agradeço aos meus amigos do grupo Cabaneiros (Thiago Feitosa, João Alexandre, Valéria, Ananda, Felipe, Jailson, Débora, Jovana, Sarah Gorgônio, Thays) por estarem comigo durante todos esses anos e serem a minha segunda família, com vocês eu aprendi tanto, amizade, companheirismo, amor, família, amor próprio; vocês me ajudaram a construir o que sou. Em especial, Thiago Feitosa que nunca me abandonou, sempre me impulsionou e nunca permitiu que eu desistisse. Nessa graduação, Deus me deu de presente mais que um amigo, um irmão. Pra vocês, meus amigos, deixo esse versículo que fica em provérbios 17:17 “ Em todo o tempo ama o amigo e para a hora da angústia nasce o irmão”.

Agradeço a todos os professores que passaram por minha vida desde o ensino fundamental, me proporcionando todo o aprendizado, que me ajudaram a ser uma pessoa melhor e a sempre buscar o melhor. Com vocês eu aprendi a buscar o conhecimento sempre, acreditar que o futuro é os livros e sempre lutar pelo o que acredito. Em especial a minha orientadora que aceitou mais uma “desorientadinha”, com um sonho louco e difícil de realizar, mas não impossível. Nada é impossível para aquele que crer em Deus. Lembro-me até hoje quando cheguei e pedi para ser orientada por ela, que já tinha o tema, mas que se ela não aceitasse poderia mudar. Ela não só aceitou, como juntas colocamos no papel e conseguimos entender e mostrar a importância do cão-guia para um deficiente visual. Eu te agradeço por ser quem é, uma professora grandiosa, que ama ensinar e cuida de cada um de nós como uma mãe. Saiba que não é mãe só por alguns meses, és mãe por toda a nossa vida, pois lembrarei pra sempre da professora de fisiologia veterinária que não mediu esforços pra orientar uma aluna sobre comportamento animal, e, mais profundo ainda, sobre treinamento de cão-guia e sua importância para um mundo. Pois, um cão-guia não é só um fator de mobilidade, é um fator de inclusão social.

Agradeço a todas as pessoas que passaram por minha vida durante esses cinco anos e a turma 2014.2. Ao Instituto Magnus (Srta Janaína Teixeira, Dra Bruna Rosa e o Sr Murilo Delgado) pela disponibilidade, por proporcionarem e compartilharem os seus conhecimentos, e alimentarem a minha sede de justiça, igualdade, empatia, amor para com o próximo e o amor pelos os animais. As minha amigas Fabiana, Erika e Helyzama por estarem sempre comigo independente da distância, também deixo o versículo de provérbios 17:17 pra vocês. E a todas as pessoas que me ajudaram de alguma forma a minha viagem a São Paulo. Quero que saiba que todos estão guardados no meu coração, pois através de vocês Deus me mostrou todo o seu cuidado por mim e isso é inesquecível.

Agradeço de todo o meu coração.

“Cães não são nossa vida inteira, mas eles fazem nossas vidas inteiras”.

Roger Caras

RESUMO

OLIVEIRA, LUMARA LAIANE GOMES. Importância do cão-guia para deficientes visuais através de relatos obtidos no Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus no Estado de São Paulo. Patos-PB, 2019, UFCG, 39p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Medicina Veterinária). Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande – Patos – PB.

O cão-guia representa uma forma de terapia assistiva usada para readaptação do deficiente visual. Consiste no treinamento e uso de animais como guia possibilitando independência, autonomia, liberdade, confiança e inclusão social. Assim, pela relevância e escassez de trabalhos relativos ao tema, objetivou-se estudar a importância do cão-guia para deficientes visuais, através de relatos obtidos em visitas no Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus, entre as cidades de Sorocaba e Salto de Pirapora - São Paulo. No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística há meio milhão de deficientes visuais e, segundo organizações não governamentais, existem aproximadamente 200 cães trabalhando na área em todo o Brasil. Foi realizada uma visita ao Centro de Treinamento de Cão-guia no dia 28 de maio, ressaltando-se, que, através de profissionais, composto por uma médica veterinária, uma colaboradora e um deficiente visual, pode-se, por meio de vários relatos dos mesmos, entender a história da inserção do cão-guia no Brasil e compreender as estruturas físicas necessárias ao treinamento dos animais. O referido Centro atua desde o ano de 2015, no entanto, uma sede oficial e definitiva foi inaugurada apenas no dia 28 de setembro de 2018; neste momento, foi entregue seis cães-guia. Ao iniciar a visita foi relatado pela colaboradora do Instituto que os cães chegavam ao estabelecimento ainda filhotes. Durante a visita, na recepção, foi realizada uma prática espacial, objetivando entender o deficiente visual; em um corredor escuro com os olhos vendados e obstáculos colocados no chão e no teto, foi aplicado à prática, despertando a empatia do grupo em entender como o deficiente enfrenta os obstáculos do dia a dia sem auxílio de seu cão-guia. Durante a entrevista com a médica veterinária e o deficiente visual observou-se a grande importância da família socializadora na evolução do projeto, porém, outros fatores, entre estes, pouca procura, apesar de divulgações, escassez de instrutores qualificados e de médico veterinário para a viabilidade do projeto, poucos cães-guias são treinados para a função de mobilidade e inclusão social do deficiente visual. Ao término da visita, podem-se analisar fatos que muito depende do profissional médico veterinário, e concluiu-se que é importante o olhar social e humanizado para a causa, transportar-se para entender o que são obstáculos na rotina do deficiente, compreender a seriedade e responsabilidade do projeto para com o próximo, e ser, sobretudo, facilitador de informações técnicas-científicas e leis nacionais, para assim, assegurar os direitos dos deficientes visuais. O cão é mais que um fator de mobilidade, é um fator de inclusão social.

Palavras-chave: Treinamento, Cão, Família socializadora, Inclusão.

SUMMARY

OLIVEIRA, LUMARA LAIANE GOMES. Importance of the guide dog for the visually impaired through reports obtained at the Dog Guide Training Center of the Magnus Institute in the State of São Paulo. Patos-PB, 2019, UFCG, 39p. Monograph (Work of Completion of Course in Veterinary Medicine). Academic Unit of Veterinary Medicine, Federal University of Campina Grande - Patos - PB.

The guide dog represents a form of assistive therapy used to readapt the visually impaired. It consists of training and use of animals as a guide enabling independence, autonomy, freedom, trust and social inclusion. Thus, due to the relevance and scarcity of works related to the theme, the objective was to study the importance of guide dogs for the visually impaired through reports obtained at visits at the Magnus Institute Dog Training Center between the cities of Sorocaba and Jump from Pirapora - São Paulo. In Brazil, according to data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics, there are half a million visually impaired people and, according to non-governmental organizations, there are approximately 200 dogs working in the area throughout Brazil. A visit to the Guide Dog Training Center was held on May 28, stressing that, through professionals, composed of a veterinarian, a collaborator and a visually impaired, it is possible, through several reports of them, to understand the history of the insertion of the guide dog in Brazil and to understand the physical structures necessary for the training of the animals. The Center has been operating since the year 2015, however, an official and definitive headquarters was inaugurated only on September 28, 2018; at the moment, six guide dogs were delivered. At the beginning of the visit was reported by the collaborator of the Institute that the dogs arrived at the establishment still puppies. During the visit, at the reception, a space practice was carried out, aiming to understand the visually impaired; in a dark corridor with blindfold and obstacles placed on the floor and ceiling, was applied to practice, arousing the group's empathy to understand how the handicapped confronts the obstacles of day to day without the aid of his guide dog. During the interview with the veterinarian and the visually impaired the great importance of the socializing family in the evolution of the project was observed. However, other factors, among them, little demand, despite disclosures, shortage of qualified instructors and veterinarian for the feasibility of the project, few guide dogs are trained to the mobility and social inclusion function of the visually impaired. At the end of the visit, it is possible to analyze facts that depend very much on the professional veterinarian, and it was concluded that it is important to look socially and humanized for the cause, to move to understand what are obstacles in the routine of the disabled, to understand the seriousness and responsibility of the project to the next, and, above all, to be a facilitator of technical-scientific information and national laws, in order to guarantee the rights of the visually impaired. The dog is more than a factor of mobility, it is a factor of social inclusion.

Key words: Training, Dog, Family socializing, Inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 DEFICIÊNCIA VISUAL	11
2.2 COMPORTAMENTO CANINO	11
2.3 TERAPIA ASSISTIVA POR ANIMAIS (TAA)	12
2.4 HISTÓRICO DOS CÃES-GUIA	13
2.5 IMPORTÂNCIA DOS CÃES-GUIA PARA OS DEFICIENTES VISUAIS	13
2.6 IMPORTÂNCIA DO MÉDICO VETERINÁRIO NO PROJETO CÃO-GUIA	14
2.7 PRINCIPAIS RAÇAS UTILIZADAS PARA O TREINAMENTO	15
2.7.1 Golden Retriever	15
2.7.2 Labrador Retriever	15
2.8 FASES DO TREINAMENTO DE CÃES-GUIA	16
2.8.1 Socialização.....	16
2.8.2 Treinamento na escola de cães-guia	17
2.8.3 Tutor.....	17
2.9 FATORES QUE INFLUENCIAM NA INVIABILIDADE DO TREINAMENTO DE CÃES-GUIA	18
2.10 LEIS QUE REGULARIZAM O PROJETO	19
3 MATERIAL E MÉTODOS	21
3.1 LOCAL	21
3.2 TIPO DE PESQUISA	21
3.3 TIPO DE QUESTIONÁRIO	21
3.4 PESSOAS ENTREVISTADAS	21
4 RESULTADOS E DISCURSÕES.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXOS.....	32
ANEXO 1:	32
ANEXO 2:	37

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é um instrumento ou processo usado para facilitar o relacionamento de enfermeiro-paciente. É nessa comunicação que se entende o paciente como um todo, o seu modo de agir e pensar. Um dos métodos utilizado como forma de comunicação é a Terapia Assistiva por Animais (TAA). A TAA é um recurso utilizado como forma terapêutica para melhorar a relação humana-animal; e tem como objetivo promover qualidade de vida possibilitando melhoras na saúde física, psicológica e emocional do paciente.

Ressalta-se que vários animais poderão ser utilizados na TAA, entre estes cita-se os felinos, coelhos, pássaros, cavalos e animais exóticos, porém, na rotina os mais utilizados são os cães. A atividade supracitada beneficia pessoas com doenças cognitivas ou psicológicas, crianças, doença imunológica, paralisias e depressões. O treinamento de cães-guia compreende a tecnologia assistiva para o deficiente visual. O animal passa por etapas no treinamento para, que, posteriormente, esteja apto para exercer a sua função de guia. As raças mais requisitadas à referida função são Golden Retriever e Labrador Retriever.

Mesmo com todos os benefícios que o cão-guia possibilita para os deficientes visuais, existem vários fatores que interfere na viabilidade do projeto social, entre estes fatores está o reduzido número de instituições de treinamento de cães, dificuldades enfrentadas nas fases de treinamentos e pouquíssimos investimentos pelos governos Federal, Estadual e Municipal, que acrescentam demasiadamente as filas de espera por cães-guias.

Mesmo com as conquistas de direitos embasados pelas leis buscando inclusão social, os deficientes visuais enfrentam situações difíceis e preconceituosas diariamente, apesar de tecnologias como a leitura em braile, bengalas e cães guias proporcionarem uma melhor qualidade de vida, liberdade e inclusão social a estas pessoas. Diante do contexto e escassez de trabalhos relativos ao tema, objetivou-se estudar a importância do cão-guia para deficientes visuais, através de relatos obtidos em visitas no Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus, nas cidades de Sorocaba e Salto de Pirapora - São Paulo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DEFICIÊNCIA VISUAL

A deficiência é um termo usado para descrever a ausência de alguma função realizada pelo ser humano, que pode ser visual, auditiva, locomotora ou até psicológica. Segundo Gil (2000), a visão é o sentido mais importante no organismo, e através dela, a nível cerebral as informações são capturadas e reorganizadas como imagem. A autora defende que o termo “deficiência” é uma palavra intensa e que ao ser usado reflete a “Incapacidade de realizar alguma tarefa”; no entanto, ao se relacionar com uma pessoa portadora de deficiência, são notáveis suas habilidades de realizar qualquer tarefa independente da sua deficiência.

Deficiência visual é o termo, segundo Gil (2000) usado para expressar desde a cegueira até uma visão subnormal podendo ser total ou parcial (40% a 60%). Para a autora o conceito simples para uma visão subnormal é das pessoas que guardam resíduos de visão. A visão é de fundamental importância, pois afeta no relacionamento do indivíduo com o meio exterior, sendo capaz de guardar registros e organizá-los no sistema nervoso. Os seres humanos têm diversos sistemas guia, a visão é um dos sistemas mais poderosos. Porém, com a ausência da visão, pessoas com deficiência na referida sensibilidade fazem uso de outros sistemas especiais orgânicos (audição, tato) como guias.

A cegueira pode ser adquirida ou congênita (MARTINEZ, 2011; SILVA, 2012). Para as pessoas que tem cegueira adquirida, as quais nasceram com o sentido da visão, vão ter memórias visuais guardadas. Lembra-se de imagens e luzes que já viram e será mais fácil sua readaptação. Além da perda da visão tem perdas emocionais, de locomoção, trabalhos e de inclusão social. Para quem tem a cegueira congênita, que nasce sem a capacidade de ver não terá essas memórias visuais (GIL, 2000).

2.2 COMPORTAMENTO CANINO

O comportamento animal é descrito como reações fisiológicas comportamentais realizadas em um determinado lugar, influenciadas geneticamente e pelo ambiente, podendo ser perceptível ou não aos olhos humanos (DEL-CLARO, 2004). Os processos contínuos de aprendizagem e experiência estão relacionados diretamente no desenvolvimento do

comportamento de um cão, sendo assim, ele aprende de acordo com as experiências do meio que ele está inserido (CARMO, 2013; GOMES DA COSTA, 2016).

Segundo Broom e Frazer (2010), de acordo com suas pesquisas experimentais, os cães apresentam capacidade de aprendizagem, e os mesmos, obedecem a comandos, circulação em ambientes, detectam e evitam perigos, comunica-se com outros cães e com seres humanos. Essa aprendizagem ocorre com a observação, facilitação social e o convívio com animais e seres humanos (MORAIS, 2014). Ressaltando-se que, segundo Parizzoto (2013) a capacidade de aprendizagem está relacionada com recordações do passado.

Segundo Snitcosfky (2013), a capacidade de reconhecer, discriminar, orientação do espaço, distinguir, classificar, recordar lugares e medir o tempo está relacionado às funções cognitivas do animal; juntamente com os fatores de formação de informações, aprendizagem e memórias. Raciocínio, resolução de problemas, iniciativa, atenção, aprendizagem, memória, reconhecimento espacial e tomada de decisões, são funções até o momento descritas em cães (SCHMIDT, 2017). Conforme descreveu Miklósi (2007), os cães são animais sociais, possivelmente devido aos anos de domesticação e conseguem se adaptar a grupos humanos. Conseguem interagir a longo ou curto prazo e se socializar rapidamente com outras pessoas.

2.3 TERAPIA ASSISTIVA POR ANIMAIS (TAA)

A Terapia Assistiva por Animais (TAA) segundo Costa *et al.* (2018), é um processo que utiliza animais terapeutas para melhorar a saúde física, psicológica e emocional de pacientes doentes, idosos e pessoas com a síndrome da imunodeficiência adquirida, e assim, possibilita um relacionamento humano-animal.

O treinamento de cães-guia é uma TAA fornecida aos deficientes visuais, possibilitando qualidade de vida, independência, autonomia, direito de ir e vir resguardado, inclusão social e resgate da autoestima. É um treinamento longo, custo alto e que demanda tempo e paciência. Divide-se em três etapas: socialização realizada pelas famílias socializadoras, volta à escola para receber o treinamento e treinamento com aquele (a) que o mesmo irá guiar (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019¹; FEIJÓ, SANDER, STEFFEN, 2013).

De acordo com dados divulgados do censo de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de deficientes visuais no Brasil é de 506,3 mil

¹ Entrevista realizada com a Srta Janaína Teixeira, trabalha no setor de relações sociais no Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus.

(MARQUES, 2017), e aproximadamente 200 cães-guia trabalhando no País (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018²; INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019³).

2.4 HISTÓRICO DOS CÃES-GUIA

Desde a idade média de acordo com Feijó, Sander, Steffen (2013), tem-se o histórico dessa relação de cão-guia e ser humano. Registros relatam que a primeira tentativa de treinar um cão-guia foi em 1780 no hospital para cegos de Paris. Em 1819, Johann Wilhelm Klein fez o primeiro registro bibliográfico da ideia de treinar cão-guia, onde o mesmo era fundador do Instituto Blinden-Erziehungs-Institut de educação para pessoas cegas em Viena. A partir de 1847 há registros próprios de pessoas que foram guiados por esses cães.

Na primeira guerra mundial houve reflexões sobre a importância de cachorros que foram usados para guiar soldados que ficavam cegos durante as batalhas. A primeira escola de cães-guia foi aberta em Oldenburg-Alemanha, em 1916. Um artigo publicado em 1927, escrito pela americana Dorothy Harrison Eustis, defendia o cão-guia como uma nobre profissão; em consequência outras pessoas interessaram-se pelo treinamento. Desde então, com o intuito de proporcionar uma condição de vida melhor foram criadas várias escolas de treinamentos de cães-guia ao longo do tempo (FEIJÓ, SANDER, STEFFEN, 2013). No Brasil, a primeira escola de Treinamento de cão-guia foi a Hellen Keller, foi criada em 1998 (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019⁴).

2.5 IMPORTÂNCIA DOS CÃES-GUIA PARA OS DEFICIENTES VISUAIS

O deficiente visual tem certas limitações consequentes à dificuldade de acesso integral a saúde, que se contrapõe ao que a Organização Mundial de Saúde defende. A mesma defende que saúde não é somente a ausência de enfermidades, mas ter acesso a um bem estar físico, mental e social. Assim, de acordo com Feijó, Sander, Steffen (2013) a saúde tornou-se direito do ser humano devendo ser assegurada e gozada.

²Entrevista com o Sr. Ricardo Corrêa, voluntário no projeto cães-guia de Brasília, família hospedeira e presidente da Associação Amigos do Cão-Guia-AACG.

³Entrevista com a Srta Janaína Teixeira, trabalha no setor de relacionamento do Centro de Treinamento de Cão-guia do Instituto Magnus.

⁴Entrevista com a Srta Janaína Teixeira, trabalha no setor de relacionamento do Centro de Treinamento de Cão-guia do Instituto Magnus.

Devido a sua vulnerabilidade o deficiente visual necessita de atenção especial e ser cuidado por outras pessoas. O cuidador é mais do que um simples acompanhamento das atividades diárias, seja ela em qualquer situação no qual precise de cuidados diários e atenção (FEIJÓ, SANDER, STEFFEN, 2013).

Para Feijó, Sander, Steffen (2013) é normal que se vincule o termo cuidadores a pessoas, no entanto, existem cuidadores não humanos capazes de minimizar ou sanar parcialmente limitações de pessoas portadores de alguma deficiência. Para ajudar e permitir a inserção de pessoas ao convívio social os animais são treinados a dedicar toda sua atenção, zelo e concentração, proporcionando autonomia, liberdade e mobilidade vindo ao encontro do que a OMS defende. O cão-guia exerce esta função descrita, tornando-se companheiro inseparável do deficiente visual. O vínculo criado entre tutor e cuidador não humano atravessa o estereótipo de animal de estimação, onde o animal torna-se uma extensão do seu corpo, completando-o e passando confiança de está apto a exercer qualquer tarefa (FEIJÓ, SANDER, STEFFEN, 2013).

2.6 IMPORTÂNCIA DO MÉDICO VETERINÁRIO NO PROJETO CÃO-GUIA

A importância do médico veterinário é imprecíavel e indispensável, pois o bem estar do animal depende dele. Ele é responsável pela saúde do animal e o mesmo somente exerce a função de cão-guia com a saúde em equilíbrio. O veterinário é importante em toda a cadeia que engloba o animal nesse projeto social, na parte cirúrgica, castrações, vacinas, prevenção de doenças, na manutenção da maternidade e na genética, inseminação artificial, resfriamento de sêmen, congelamento de sêmen, imunização do filhote, cuidados com o neonato e com a parturiente. O tratamento do animal realizado por um deficiente visual é diferente e o médico veterinário tem que está preparado para observar os detalhes. Como por exemplo: “Como administrar um fármaco em gotas para o animal?” (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019⁵).

O médico veterinário precisa usar seus conhecimentos específicos de reprodução e comportamento, para fazer a seleção das matrizes adequadas para reproduzirem filhotes com aptidões específicas de um cão-guia. Do nascimento e durante todo o treinamento o animal passa por exames garantindo o seu bem estar; tudo no animal é examinado, visão, olfato, audição, equilíbrio, crescimento, hormônio. Esse acompanhamento é importante para garantir

⁵Entrevista com a Dra Médica Veterinária Bruna Regina Teixeira da Rosa, médica veterinária do Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus.

o bem estar desse animal e o veterinário possa compreender o mundo do cego e assim, fazer o seu trabalho para com o cão (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019⁶).

2.7 PRINCIPAIS RAÇAS UTILIZADAS PARA O TREINAMENTO

Segundo a AACG Brasília existem 30 raças que podem ser usadas no treinamento para cão-guia. As mais utilizadas dependem da disponibilidade, da preferência do instrutor, comportamento e temperamento do animal; àquelas consideradas dóceis, de fácil acesso as pessoas são as raças preferenciais como a Golden Retriever e Labradores Retriever.

2.7.1 Golden Retriever

Esta raça originou-se na Inglaterra e foi desenvolvida pelo Lorde Tweedmouth no final do século 19 na Escócia e na Inglaterra, com o intuito de busca de caça. Acredita-se que seu comportamento carinhoso e bem-humorado vem dos seus antecedentes/cruzamentos. Em 1925 a raça foi reconhecida oficialmente. É um animal de grande porte, e tem como principais características ser bem equilibrado, atraente, simétrico, potente, elegante e versátil. Sua pelagem é dourada ou creme, olhos marrom escuros, sua altura varia entre 53cm e 61cm (macho) e 51cm a 56cm (fêmea), seu peso alcança de 27kg a 34kg. Devido as suas características do Golden Retriever, tornou-se popular; por ter como principal característica a versatilidade pode ser usado como um animal de estimação e/ou para trabalhos como caça ou guias para cegos (CASAGRANDE, 2010).

2.7.2 Labrador Retriever

O labrador Retriever, segundo Casagrande (2010), tem como país de origem a Groelândia/Canadá, mas foram praticamente eliminados, pois seus donos não tinham condições de mantê-los, uma vez que seus impostos eram caros. Neste país os mesmos eram usados como cães de pescadores. Acredita-se que eles foram levados de Terra Nova por embarcações até a Grã-Bretanha/Inglaterra, onde hoje se tornou sua origem. A popularidade

⁶Entrevista com a Dra médica veterinária Bruna Regina Texeira da Rosa, médica veterinária do Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus.

do labrador cresceu muito também como cão de polícia, cão-guia para cegos, cão de companhia e cão de resgate.

A referida raça é um animal de grande porte, e suas principais características são irrequieto, ativo, corpo forte, compacto e musculoso, inteligente, amoroso, alegre, faro aguçado, apaixonado por água e fácil de criar; altura entre 54cm e 62cm, peso que varia de 25kg a 34kg. Sua pelagem é curta e lisa e possui três cores de pelos que são pretos, chocolate e amarelo, que varia de quase branco ao ruivo (CASAGRANDE, 2010).

2.8 FASES DO TREINAMENTO DE CÃES-GUIA

O treinamento de cães-guia inicia-se desde a seleção da matriz e do reprodutor com a escolha do filhote ao acompanhamento com o seu tutor, podendo durar aproximadamente dois anos. Esse treinamento varia de cada escola para cada instrutor, pois cada um tem a sua metodologia. Porém, no geral, é dividido em três etapas que são a socialização, retorno à escola para recebimento do treinamento específico e acompanhamento quando entregue ao deficiente visual (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018⁷; INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018⁸, INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019⁹).

2.8.1 Socialização

Segundo Feijó, Sander, Steffen (2013) a escolha do filhote é de suma importância; o animal deve ser saudável, calmo, carinhoso e apresentar ausência de timidez ou liderança. O animal será entregue a uma família socializadora cadastrada e rigorosamente selecionada com o intuito de socializar esse filhote. O cão deve ser conduzido a todos os lugares públicos possíveis para se acostumarem com outras pessoas, ambientes, movimentação, transportes e barulhos. Ele ficará com a família durante um período; aproximadamente por um ano, será acompanhado pelo projeto todos os meses que ficar com essa família (FEIJÓ, SANDER, STEFFEN, 2013; INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018¹⁰).

⁷Entrevista realizada com a Srta. Jhennifer Ferreira, funcionária da Escola de Cães-Guias Helen Keller.

⁸Entrevista com o Sr. Ricardo Corrêa, voluntário no projeto cães-guia de Brasília, família hospedeira e presidente da Associação Amigos do Cão-guia-AACG.

⁹Entrevista com a Srta. Janaína Teixeira, trabalha no setor de relacionamento do Centro de Treinamento de Cão-guia do Instituto Magnus).

¹⁰Entrevista com o Sr. Ricardo Corrêa, voluntário no projeto cães-guia de Brasília, família hospedeira e presidente da Associação Amigos do Cão-Guia-AACG.

O projeto disponibiliza instrutor para correção de alguma dificuldade e alimentação para o cão (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019¹¹). Segundo Feijó, Snader, Steffen (2013), o mesmo receberá comandos básicos (deitar e sentar junto ao dono) e comandos de obediência adiantada (atravessar ruas, atenção a obstáculos e não ter distrações). A família tem que educar o cão, ensinando-o que não pode pedir comida, só se alimentar de ração no horário e local correto, não pode subir nos móveis, nem pode latir ou subir nas pessoas, precisa ser bem educado (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018¹²). Ao sair com o cão, a família leva um crachá identificando-os como uma família socializadora, um caderninho com a legislação federal e o cão com o colete que o identifique como cachorro em socialização (HARRISON, 2018).

2.8.2 Treinamento na escola de cães-guia

Os animais em treinamento aos 12 meses, no final da socialização, retornam para a escola, onde serão avaliados rigorosamente, e assim, poderão ser aprovados ou não para receberem o treinamento de cão guia (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018¹³). Esse treinamento, segundo Feijó, Sander, Steffen (2013) tem a duração de cinco meses e são realizadas 50 seções de 30 minutos cada uma. Porém, em algumas instituições o treinamento pode chegar a durar de seis a oito meses (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019¹⁴).

2.8.3 Tutor

Depois do processo de treinamento o cão é considerado apto para exercer sua função, onde possivelmente será entregue ao seu tutor (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019¹⁵). Segundo Martinez (2011), antes disso, é realizada uma avaliação para escolher o deficiente visual e o cão compatível. Essa avaliação consiste numa série de entrevistas, análises de rotinas, teste de orientação e mobilidade e uma produção de vídeo; a família também é entrevistada para saber a disponibilidade da mesma para receber o cão. Os cães também passam por avaliações, e são selecionados através de critérios racionais, afinidade, respeitando o perfil do usuário e

¹¹ Entrevista com a Srta Janaína Teixeira, trabalha no departamento de relacionamento do Instituto Magnus Centro de Treinamento de Cão-guia.

¹² Entrevista realizada com a Srta Jhennifer Ferreira, funcionária da Escola de Cães-Guia Helen Keller.

¹³ Entrevista realizada com a Srta Jhennifer Ferreira da Helen Keller.

¹⁴ Entrevista realizada com a Srta Janaína Teixeira, Centro de Treinamento Cão-guia Instituto Magnus.

¹⁵ Entrevista com a Srta Janaína Teixeira, trabalha no setor de relacionamentos no Centro de Treinamento de Cão-guia do Instituto Magnus.

para que haja, de acordo com a previsão, uma relação mútua de respeito, cuidado e carinho para os dois e que seja bom para ambos.

O deficiente visual e o cão serão acompanhados pelo instrutor até que se acostumem um com o outro, pois, nesse período de adaptação o deficiente visual precisa aprender comandos e a maneira correta de se portar (FEIJÓ, SANDER, STEFFEN, 2013). Esse acompanhamento tem duração aproximada de duas semanas, podendo variar de acordo com a relação do cão e seu tutor (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018¹⁶). Durante esse tempo, a dupla passará por um treinamento específico, imitando o dia a dia, enfrentando obstáculos (calçadas, escadas e rampas). Aprenderão comandos de passeios, encontrar objetos, desviar obstáculos aéreos, evitando os perigos, comportamento em público, formas de cuidados com o cão.

O cão e o deficiente, quando aptos, são liberados e terão o acompanhamento do instrutor em casa até que haja uma adaptação de ambos (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2019¹⁷). Depois do cão entregue ao deficiente visual, o instrutor continua os acompanhando periodicamente e/ou quando solicitado; nesse acompanhamento ele saberá tudo do cachorro e quando ele apresentará características para se aposentar. Um cão-guia pode trabalhar por aproximadamente 9 anos (HARRISON, 2018). Nesse contexto, Martinez (2011) relata o que sentiu quando seu primeiro cão-guia Boris deu os primeiros sinais de aposentadoria.

Boris era como meu sol, minha luz, em vários sentidos. Primeiro porque me fazia enxergar o mundo de outra forma, pelos olhos de um cão, que tem um olhar mais simples e claro sobre as pessoas, os lugares e as situações. Também porque ele iluminava minha vida, trazendo muita energia e felicidade. Por fim, o sentido mais óbvio: ele funcionava como uma luz que me permitia andar sem medo de tropeçar ou bater em alguma coisa. Com muita generosidade, ele me emprestava seus olhos, sua visão.

2.9 FATORES QUE INFLUENCIAM NA INVIABILIDADE DO TREINAMENTO DE CÃES-GUIA

O maior problema no Brasil que impede a ampliação do projeto de treinamento de cães-guia é a escassez de investimentos. Nos Estados Unidos várias escolas são mantidas por doações; as pessoas tem prazer em doar e em escolher o nome para cães guia. Na Europa o projeto é mantido por um percentual na loteria, e no Brasil, por mais que haja lutas para

¹⁶Entrevista com o Sr. Ricardo Corrêa, voluntário no projeto cães-guia de Brasília, família hospedeira e presidente da Associação Amigos do Cão-guia-AACG.

¹⁷Entrevista com a Srta Janaína Teixeira, Centro de Treinamento de Cão-guia do Instituto Magnus.

conseguirem sua auto sustentabilidade, ainda não conseguiu-se tal liberdade (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018¹⁸).

A carência de instrutores de cães-guias qualificados possibilitam a inviabilidade do projeto. Outro fator, é que para a escola torna-se membro da Federação Internacional de Cães-guias (FICG) e receber o selo de qualidade, precisa funcionar como órgão filantrópico, ou seja, dependem de outras pessoas para o projeto crescer (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018¹⁹).

Com a falta de investimentos, escolas travaram batalhas com os altos custos de capacitação de seus instrutores, cães e estruturas, sendo uma instituição filantrópica, atualmente, poucas escolas conseguem se manterem ativas (INFORMAÇÃO PESSOAL, 2018²⁰). Nas fases de treinamento, segundo Feijó, Sander, Sneffer (2013) a tentativa de deixar os filhotes com a família socializadora foram fracassadas, pois as famílias se apegam aos animais e não retornam para o treinamento.

2.10 LEIS QUE REGULARIZAM O PROJETO

Ao longo dos anos os deficientes visuais vêm travando grandes batalhas para que tenham o seu direito de inclusão social assegurada. Como a lei nº 11.126/2005, artigo 1º, que possibilita ao deficiente visual poder frequentar e permanecer em qualquer estabelecimento público, transporte público, ou privado com o seu cão-guia. Mas só em 2006 foi sancionado o decreto de acordo com o artigo 4º desta lei, que estabelece os direitos do deficiente visual para com seu cão em lugares públicos e privados, multas para quem descumprir a lei e discriminar o deficiente visual e a regulamentação dos requisitos mínimos de identificação do cão-guia.

O regulamento do cão-guia, de acordo com o decreto nº 5. 904, de 21 de setembro de 2006, esclarecem os requisitos mínimos de identificação; o ingresso de cães-guia em lugares públicos somente deve ser feita com seus instrutores ou pessoas habilitadas. Os deficientes podem entrar e permanecer em lugares públicos, exceto lugares que exijam esterilidade (isolamento, quimioterapia, transplante, centro cirúrgicos, etc). É vetado o uso de focinheiras em lugares públicos quando estiverem em fase de treinamento; o cachorro somente deve ser

¹⁸ Entrevista com o Sr. Ricardo Corrêa, voluntário no projeto cães-guia de Brasília, família hospedeira e presidente da Associação Amigos do Cão-guia-AACG.

¹⁹ Entrevista realizada com a Srta. Jhennifer Ferreira, funcionária da Escola de Cães-guia Helen Keller.

²⁰ Entrevista realizada com a Srta. Jhennifer Ferreira, Escola de Cães-guia Helen Keller.

usado para função de cão-guia, caso seja usado com outro intuito o deficiente perde a posse do cachorro. A identificação do cão-guia e do seu treinamento deve ser por carteirinha, placa de identificação, deixando claro qual fase se encontra. O cão-guia deverá ser castrado, isento de agressividade, pode ser qualquer sexo, porte adequado e treinado para o fim exclusivo de ser guia de cego.

O deficiente visual necessita de acessibilidade para que possa exercer sua liberdade, porém só no ano 2000 que a lei nº 10.098 foi sancionada, legalizando o direito de ir e vir com mais independência e melhorando a acessibilidade nas ruas e lugares públicos e privados. Em 17 de novembro de 2011 entrou em vigor o decreto 7.612, que deixa instituído o Plano Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência intitulado plano viver sem limite. Tudo isso para que o deficiente tenha seus direitos assegurados e uma garantia de qualidade de vida.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 LOCAL

Foi realizada uma visita no dia 28 de maio de 2019 ao Centro de Treinamento de Cão-guia do Instituto Magnus localizado entre as cidades de Salto de Pirapora e Sorocaba-São Paulo.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Foi realizada uma entrevista com três funcionários do CTCG do Instituto Magnus, de acordo com algumas dúvidas durante a pesquisa em livros e artigos científicos. Foi realizada uma visita ao Centro de Treinamento, onde foi apresentado histórico e estrutura do mesmo; e nesta visita foi concedida uma entrevista.

3.3 TIPO DE QUESTIONÁRIO

A entrevista que foi realizada foi anexada (ANEXO 2) no formato de formulário.

3.4 PESSOAS ENTREVISTADAS

Foram entrevistados três funcionários do Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus. À Dra Médica Veterinária Bruna Regina Texeira da Rosa, Srta Janaína Teixeira trabalha no departamento de relacionamento e o Sr Murilo Delgado, trabalha também no departamento de relacionamentos e usuário de cão-guia.

4 RESULTADOS E DISCURSÕES

No dia 28 de maio de 2019, às 14h:00min, foi realizada uma visita ao Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus com o intuito de visualizar, na prática, o que os pesquisadores dedicados ao estudo de cães-guia discutem. Foi possível realizar entrevistas com a equipe de profissionais do Centro de Treinamento de Cão-guia, composto por uma médica veterinária (Dra. Bruna Rosa), uma colaboradora (Janaína Teixeira) e um deficiente visual (Murilo Delgado). Nas entrevistas foram colhidos, vários relatos dos mesmos, com o intuito de entender a história da inserção do cão-guia no Brasil, conhecer a realidade do portador da deficiência, e compreender as estruturas físicas necessárias ao treinamento dos animais.

A colaboradora Srta Janaína Teixeira e o Sr Murilo Delgado, explanou sobre a história do Centro de Treinamento e mostrou toda a sua estrutura. O Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus atua desde 2015, no entanto, uma sede oficial e definitiva foi inaugurada apenas no dia 28 de setembro de 2018; no momento do evento realizaram a entrega de seis cães-guia. Instalado em uma área de 15 mil m² é considerado o mais completo da América Latina. Sem fins lucrativos, a iniciativa reúne o que há de mais moderno para o treinamento dos animais e adaptação dos deficientes visuais. O ambiente é constituído por um canil, uma maternidade, espaço para os treinos, hotel com cozinha, quartos, sala, lavanderia e recepção.

Ao iniciar a visita foi relatado pela colaboradora do Instituto que os cães chegavam ao estabelecimento ainda filhotes para que fossem entregues a famílias socializadoras, e assim, iniciar o treinamento. No período de 2015 a 2017, os animais foram comprados de canis particulares, porém, a partir de setembro de 2018 o Centro de Treinamento do Instituto Magnus adquiriu reprodutores e uma maternidade, sendo assim, responsável pela reprodução dos filhotes. Isto proporcionou que estes animais apresentassem um custo financeiro mais reduzido para a Instituição facilitando a doação dos mesmos para os deficientes visuais. Além da vantagem descrita, os médicos veterinários conseguem, através da reprodução por inseminação artificial ou natural, reproduzir as raças estabelecendo o padrão genético e ampliando o número de animais a serem doadas as famílias que assim o necessitam para reduzir dificuldades e possibilitar acessibilidade aos deficientes.

Conforme a Srta Janaína Teixeira relatava sobre os filhotes, a mesma comentou que os cães permanecem na maternidade por um período de dois meses, acompanhados da matriz, esperando desmamar e adquirir imunidade através do colostro, leite materno e vacinações.

Posteriormente após o desmame, o animal é submetido ao início do treinamento por meio das famílias socializadoras, que levarão o cão a todos os ambientes públicos; para que os animais tenham contato com ambientes movimentados, barulhos, cheiros de alimentos, pessoas e outros animais. Sendo assim, quando estiver guiando o deficiente visual, estará acostumado com o ambiente e não colocará o mesmo em perigo.

A fase de socialização, conforme foi descrito no texto supracitado, corrobora com o que os autores Broom e Frazer (2010) os quais confirmaram que os cães têm capacidade de aprendizagem de acordo com o ambiente externo que vivem ou frequentam, pois assim, terão memórias. Dando continuidade ao relato da colaboradora sobre as famílias socializadoras, a mesma informou que o cão permanece, por aproximadamente, um ano com as famílias; durante esse período o cão e a família terá o acompanhamento do instrutor semanalmente, quinzenalmente e mensalmente, até o cão finalizar essa etapa e retornar para o Instituto.

Conforme comunicação da colaboradora, após o retorno do animal ao Instituto ele receberá o treinamento específico de cão-guia com duração de aproximadamente cinco meses, concordando com o que o autor Feijó, Sander, Steffen (2013) explanou com relação ao período de tempo de treinamento. Nesta atividade o animal aprende a desviar obstáculos, encontrar portas, escadas, tomar decisões para ajudar o deficiente visual, atravessar ruas e identificar perigos. Corroborando com Snitcosfky (2013), no qual confirmou que o animal tem a capacidade de reconhecer, recordar lugares, tomar decisões e resolver problemas, situações estas propostas pelos instrutores.

No Instituto, depois de finalizado o treino, a Srta Janaína Teixeira informou que analisam as respostas dos deficientes por meio de questionários inserido no site do referido órgão. Através de uma minuciosa avaliação percebe-se-á o cão-guia ideal para o deficiente visual. Ressaltando-se que será destinado um animal adaptado para o perfil do usuário, e não o contrário. Concordando com Martinez (2011) a qual descreveu na sua autobiografia, que não é o deficiente que escolhe o animal como se fosse um caso de amor à primeira vista, tudo é feito de forma racional e através de análises para que haja cumplicidade e companheirismo entre os dois. Nesse contexto, Sr Murilo Delgado (deficiente visual e usuário) relata:

Quando eu realizei minha inscrição, a cadela Baduska estava na fase final do seu treinamento. Depois de uma análise minuciosa, o perfil dela combinou com o meu. Fomos escolhidos um para o outro e mesmo com a simulação de um “casamento arranjado”, a nossa união foi perfeita (COMUNICAÇÃO PESSOAL, 2019).

Após relato do Sr Murilo foi realizada na recepção, juntamente com a colaboradora Srta Janaína Teixeira, às 15h:30min uma prática espacial, objetivando entender o deficiente visual. A colaboradora relatou que esta prática tem como intuito despertar a empatia nas pessoas ao se vêem na posição de deficiente visual, além dos obstáculos (rampas, janelas abertas direcionadas para calçadas, lixeiras suspensas em ruas e tambores) existentes nas ruas. E com isso, mostrando a importância do cão-guia para o deficiente, como fator de mobilidade, trazendo independência, autonomia, liberdade e inclusão social.

A prática espacial realizada no Instituto foi composta por, além do Sr Murilo Delgado e da Srta Janaína Teixeira, seis visitantes, sendo também realizada por mim, onde constituiu-se um total de nove pessoas. A prática, em corredor escuro, repleto de obstáculos no chão e no teto, era ainda mais dificultada por venda nos olhos e óculos de lentes pretas; dando sensação aos visitantes de caminhos sem rumo, sem direção e angústia.

Ressalta-se que, ainda durante a experiência prática, a cadela Baduska desviou de obstáculos ou parou para mostrar para o Sr Murilo e o mesmo identificar o obstáculo. Conforme foi descrito por Martinez (2011) a qual afirmou que cães recebem o treinamento para identificar e desviar do perigo garantindo a proteção do deficiente visual. Exemplo este relatado por Sr Murilo Delgado:

“... na rua de casa Baduska parou várias vezes avisando um obstáculo, e só mais adiante eu percebi que era uma rua alagada...”
(COMUNICAÇÃO PESSOAL, 2019).

No Instituto, pode-se presenciar a cadela desobedecendo a um comando como forma de avisar que havia um obstáculo perto da calçada, e que por isso Murilo não podia prosseguir e descer à calçada. Ela só seguiu em frente quando conseguiu que ele desviasse.

Ao finalizar a prática espacial, ocorreu um momento de conversas. O Sr Murilo Delgado foi indagado por mim sobre a importância dos cães-guias para os deficientes visuais. Foi respondido, então, que o cão não é somente um fator para mobilidade, ele é um fator social, diferentemente da bengala. O Sr Murilo Delgado citou a bengala, que por ser um objeto estranho e está ligado ao mundo do cego, acaba afastando as pessoas e não causa inclusão social. Diferentemente do cachorro, espécie esta que faz parte do convívio familiar e demonstra carinho aos familiares de forma incondicional. Rotineiramente as pessoas não sabem como chegar a uma pessoa com deficiência, abordar, conversar e o animal torna isso mais comum e possível acessibilidade de terceiros; onde estes, ao ver um deficiente visual com cachorro passam a ver uma condição normal, gerando interação e conversas, passando a

cegueira a ser algo irrelevante; e é esse é o objetivo fundamental do projeto social. Como relata Sr Murilo Delgado:

As pessoas começam a ver a gente como uma pessoa com deficiência e não uma deficiência. Isso é muito importante pra gente, pois ajuda na autoestima. Além da mobilidade, existe a inclusão, interação social e isso são sensacionais (COMUNICAÇÃO PESSOAL, 2019).

Ainda no momento de conversas a colaboradora explicou que quando o cachorro está trabalhando usa um equipamento chamado de alça, nesse momento as pessoas não podem fazer carinho no animal, pois interfere na concentração do mesmo, inviabilizando o treinamento e colocando o deficiente visual em risco. Por isso, é necessário pedir autorização ao deficiente visual para realizar algum carinho no cachorro.

No relato Srta Janaína Teixeira mostrou preocupação ao citar que pessoas comentam que os cachorros são obrigados a exercer a função de cães-guias, porém a mesma salientou que os animais têm o momento de trabalho e o momento de lazer; a memória dos cães é trabalhada conforme horários pré-estabelecidos, e isto não sendo cumprido interfere no treinamento. O cão-guia somente está trabalhando quando está em trajeto. Complementando o relato da colega de trabalho, Sr Murilo Delgado relatou:

Os cães exercem a função de guia por amor e não por serem obrigados. Que diferentemente do que muitos pensam, os cães brincam, são normais; só precisam seguir os horários estabelecidos pelos Instrutores para não interferir no treinamento (COMUNICAÇÃO PESSOAL, 2019).

Às 16h:00min, retornou-se ao Instituto para dar continuidade à visita; a colaboradora neste momento, mostrou detalhadamente as instalações. A mesma começou explicando o que é o Espaço de Treinamento; é um campo grande e espaçoso, gramado e com uma área destinada para as necessidades fisiológicas para que os cães aprendam o lugar e horário ideal para realizarem suas necessidades. Nesta área existem obstáculos, similares às observadas na prática espacial realizada anteriormente na recepção, que simulam o dia a dia dos animais com os deficientes visuais, com o intuito de estimular a sua capacidade de aprendizagem, conforme foi descrito por Gomes da Costa (2016) onde este explicou que os processos contínuos e experiências dos animais estão ligados diretamente no desenvolvimento da sua capacidade de aprendizagem. Dessa forma, os instrutores preparam os cães para o treinamento na rua em áreas movimentadas.

Após o treinamento no Instituto, os animais são levados para Sorocaba e de forma gradativa é treinado em ruas tranquilas, e logo em seguida, avenidas movimentadas. Depois segue para a cidade de São Paulo o Instrutor e o cão, para, assim, darem continuidade ao treinamento em metrô, shopping com escadas rolantes, trânsito e transportes públicos (ônibus).

No transcorrer da referida visita, a colaboradora encaminhou-se para o canil e explanou sobre a estrutura do mesmo. O canil possui 16 baias, cada baia comporta quatro cães, no entanto, colocam somente três para que não haja superlotação e desconforto para os cães. A cada duas baias tem a área de soltura com piso de cimento e a cada quatro baias têm áreas de soltura com gramas. É no canil que ocorre toda a formulação da rotina dos animais, onde os mesmos tem horário para o lazer, comida e necessidades fisiológicas.

Ao finalizar a visita no canil às 17h:00min, Srta Janaína Teixeira encaminhou-se para o hotel e demonstrou a preocupação do Instituto quanto à adaptação do deficiente visual. O hotel é o lugar no qual se instalam os deficientes visuais que ficarão hospedados por aproximadamente três semanas. É neste momento que o cego e o cão aprendem a viver juntos e como cuidar um do outro, aprende a ir a lugares, constroem uma relação. O hotel tem oito quartos, sendo seis para os deficientes visuais e dois para os instrutores, há uma cozinha, sala e área de serviço, todos equipados com mapa táctico.

Durante a visita no hotel observou-se que entre os períodos de 2015 a 2019 houve mudança significativa quanto às dificuldades enfrentadas pelas famílias socializadoras para socializar cães em lugares públicos e a aceitação dos deficientes visuais acompanhados de seus cães-guia. O instituto, segundo relato da Srta Janaína Teixeira, entregou 11 cães até o final de 2018. No entanto, a escassez de investimento, de família socializadoras e de instrutores qualificados refletem no índice da quantidade de cães-guias entregue até esta data supracitada. Acredita-se que as dificuldades financeiras e de investimentos é a maior de todas as circunstâncias que podem dificultar o processo, pois o treinamento é longo e o custo é alto. O treinamento tem a duração de aproximadamente dois anos, durante esse tempo deve-se manter o cachorro saudável, com avaliações comportamentais e exames regulares.

O Sr Murilo Delgado, também ressaltou e acredita que a escassez de pessoal capacitada promove a vulnerabilidade do projeto, pois o treinamento de cães-guias é diferente de adestramento, necessitando de muito estudo, dedicação e tempo. Para ser um instrutor precisa passar três anos estudando e trabalhando como trainee. Porque precisa participar de todas as atividades realizadas como: acompanhamento de famílias socializadoras, na questão comportamental do filhote, nas avaliações do usuário. Resaltando também a parte psicológica

que está envolvida, não somente a canina como a humana também. Há desistência dos possíveis instrutores quando falam da duração do curso. A Srta Janaína Teixeira ressaltou, completando o que o Sr Murilo Delgado relatou, isto é, no Brasil, existem somente três instrutores qualificados de cães-guia e dois deles trabalham no Instituto.

Ao término da visita, às 17h:30min, ouviu-se, por fim, o relato conclusivo dos três profissionais, e neste momento, gravou-se comentários os quais estão transcritos na forma de entrevista por meio de formulário (ANEXO 2). E a frase mais comentada por todos nesse momento foi ressaltar que “o cão é mais que um fator de mobilidade, é um fator de inclusão social”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o cão-guia, o qual representa a forma de terapia assistiva para readaptação do deficiente visual no ambiente e na sociedade, é proporcionar ao mesmo a liberdade, independência, autonomia, inclusão e interação social, melhorando, assim, a autoestima e proporcionando qualidade e longevidade de vida. São intensos números de benefícios que poderiam ser citados para a causa do portador de deficiência, mas 200 cães trabalhando em um País onde existe meio milhão de deficientes representa o início do extenso objetivo pretendido por profissionais, no que se refere a reprodução e ampliação dos cães, bem como para o maior interessado, o deficiente visual.

Observa-se no contexto do tema, o qual se refere ao projeto de ampliação de instituições, a grande importância da família socializadora, porém, devido outros fatores, entre estes, a pouca procura, apesar de divulgações, escassez de instrutores qualificados e de médico veterinário para a viabilidade do projeto, poucos cães-guias são treinados para a função de mobilidade e inclusão social do deficiente visual.

Pode-se analisar fatos que muito depende do profissional médico veterinário, e concluiu-se que é importante o olhar social e humanizado para a causa, transportar-se para entender o que são obstáculos na rotina do deficiente, compreender a seriedade e responsabilidade do projeto para com o próximo, e ser, sobretudo, facilitador de informações técnicas-científicas sobre o padrão racial adequado e leis nacionais, para assim, assegurar os direitos dos deficientes visuais. O cão é mais que um fator de mobilidade, é um fator de inclusão social.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011.** Diário oficial da República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, DF, 18 novembro 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm. Acesso em: 26 jan. 2018.
- _____. **Decreto nº 5.904, de 21 de setembro de 2006.** Diário oficial da República Federativa do Brasil, Poder legislativo, Brasília, DF, 21 de setembro de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/Decreto/D5904.htm. Acesso em: 8 jul. 2019.
- _____. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Diário oficial da República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, DF, 20 dezembro 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.htm. Acesso em: 26 jan. 2018.
- _____. **Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005.** Diário oficial da República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, DF, 28 junho 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111126.htm. Acesso em: 26 jan. 2018.
- BROOM, D. M.; FRASER, A. F. **Comportamento e bem-estar de animais domésticos.** 4ed. 452 p. Barueri, São Paulo: Manole. 2010.
- CASAGRANDE, V. **Cães: 176 raças para você conhecer e se encantar.** São Paulo: Europa, 2010.
- CARMO, S. A. P. **Cães de assistência em Portugal: Cães-guia, cães para surdos, e cães de serviços.** 2013, 100p. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa, 2013.
- COSTA, M.P; GATO, F; RODRIGUES, M.N. **Utilização de Terapia Assistida por Animais como ferramenta no tratamento de doenças em humanos:** Revisão. Revista medicina veterinária e zootecnia-PUBVET, v.12, n.1, al, p. 1-7, jan. 2018.
- DEL-CLARO, K. **Comportamentos Animal:** Uma introdução à ecologia comportamental. Jundiaí, São Paulo: Livraria Conceito, 132p. 2004.
- HARRISON, GEORGE. **Mostra como é o treinamento de um cão-guia.** 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6730798/>, acesso em: 13 de maio de 2018.
- FEIJÓ, A.G. S; SANDER, A; STEFFEN, J. **Cuidadores não humanos:** A difícil tarefa dos cães-guia. Rio Grande do Sul, Saúde e desenvolvimento humano, 2013.
- GIL, M. **Deficiência visual.** Brasília-DF, Secretaria de educação à distância, 2000.
- GOMES DA COSTA, Elber Victor. **Adestramento e bem-estar de cães policiais:** Um estudo de caso, p.16-49, Areia, jun. 2016.
- JONES, T. C; HUNT, R. D; KING, N. W. **Patologia veterinária.** 6. ed. Barueri-SP: Manole Ltda, 2000.

- KAWAKAMI, C.H; NAKANO, C. K. **Relato de experiência:** Terapia assistida por Animais (TAA)- mais um recurso na comunicação entre enfermeiro e paciente. São Paulo: Jabaquara.
- KLEIN, B. G. **Cunningham tratado de fisiologia veterinária.** 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- LAUS, J. L; BRITO, F. L. C; ORTIZ, J. P. D. Patologia do bulbo do olho e anexos. In: SANTOS, R. L; ALESSI, A. C. **Patologia veterinária.** São Paulo: Roca, 2014.
- MARQUES, J.M.S. **Catalogo de Entendimento de Informações Gráficas para Cidadãos Cegos.** Rio de Janeiro, 2017.
- MARTINEZ, THAYS. **Minha vida com Bóris:** a comovente história do cão que mudou a vida de sua dona e do Brasil. Editora Globo S. A. São Paulo, 2011.
- MIKLÓSI, Á. **Dog behavior, evolution and cognition.** 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- MORAIS, I. F. R. **Os canídeos da Guarda Nacional Republicana:** As características de personalidade e os testes de aferição adequados para o serviço policial na guarda. Relatório Científico do Trabalho de Investigação, Lisboa, 2014.
- PARIZOTTO, W. **Parâmetros técnicos para a aprendizagem dos cães de busca, resgate e salvamento.** 2013, 47 p. Monografia (Especialização em Gestão Pública com Ênfase à Atividade de Bombeiro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas, Florianópolis, 2013.
- REECE, W. O. **Dukes Fisiologia dos animais domésticos.** 13. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
- SILVA, L. A. M. C. **Meus olhos tem quatro patas.** MJA, 2012. Disponível em: http://www.deficienciavisual.pt/r-Meus_olhos_4_patas-Melchert_Carvalho.htm, acesso em: 04 fev. 2018.
- SCHMIDT, H. **O processo cognitivo na espécie canina.** Monografia apresentada a Faculdade de Veterinária, Porto Alegre, 2017.
- SNITCOFSKY, M. Aprendizagem, memória e cognição. In: FARACO, Ceres B.; SOARES, Guilherme M. (Orgs.). **Fundamentos do comportamento canino e felino.** São Paulo: MedVet, 2013, cap. 6, p. 51-75.

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1:

Figura 1: Cão Adulto da raça Golden Retriever.



Fonte: Fran Lauren (2019).

Figura 2: Cão adulto da raça Labrador Retriever.



Fonte: Sapir Weisbord, Israel Guide Dog Center (2016).

Figura 3: Cão Labrador em fase de socialização.



Fonte: IF Goiano Cão-Guia Urutaí (2019).

Figura 4: Trainee de instrutor com um cão em treinamento – Centro de Treinamento do Instituto Magnus.



Fonte: Erick Pinheiro, Jornal Cruzeiro (2018).

Figura 5: Murilo na companhia de seu cão-guia Baduska - Centro de Treinamento do Instituto Magnus de Sorocaba- São Paulo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Figura 6: Foto aérea do Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus.



Fonte: Instituto Magnus (2018)

Figura 7: Profissionais do Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Figura 8: Espaço para o treinamento dos cães-guia.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Figura 9: Baias do Canil do Instituto Magnus.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Figura 10: Hotel do Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

ANEXO 2:**ENTREVISTA REALIZADA COM A COLABORADORA JANAÍNA, O DEFICIENTE VISUAL MURILO E A MÉDICA VETERINÁRIA BRUNA ROSA.**

1 Janaína, o que identifica os cães quando estão com a família socializadora?

R: *“Existe leis que regulamenta a entrada de cães guias em qualquer lugar público”. Quando ocorre algum problema a família é orientada a informar que o cão esta em treinamento para ser um cão-guia. Porém, cada família reage a sua maneira, chamando a polícia ou saindo do local sem muito alarde para evitarem o constrangimento.*

As famílias, além de trabalhar com o cão, tornam-se um agente de mudança social. Pois “irão disseminar informações sobre a legislação e quando o usuário sair com teu cão não passará mais por esse problema”.

2 No treinamento são utilizados mais machos ou mais fêmeas?

Janaína respondeu: “que não tem diferença entre os dois sexos, os dois exercem o trabalho igualmente”.

Bruna respondeu: “O que pode diferenciar é o comportamento, a fêmea tende ser mais calma, tranquila, presta mais atenção, o macho é mais disperso, porém isso seria só no começo do treinamento, no final do treinamento não tem diferença, fica tudo igual”.

3 Os cães são castrados? Ou o treinamento consegue ser mais forte que o instinto deles?

Bruna Respondeu: “São castrados, ainda na socialização. Que a castração é determinada por lei, por causa da parte comportamental e do treinamento”. “Ela salientou a parte hormonal, do cio da cadela, podendo colocar ela e o deficiente visual em perigo”. “Os hormônios interferem diretamente no treinamento”... “[...] Entretanto, o hormônio é importante para o corpo, no desenvolvimento, para o crescimento, crescimento ósseo, principalmente para as raças grandes”. “Por isso, atualmente optamos pela castração quando o cão está com 10 meses de vida, para que não haja interferência na produção hormonal e prejudique no bem estar do animal”.

4 Como identificar durante a socialização quais cães pode exercer a função de ser guia ou não?

Janaína explicou: *que existem vários fatores que interferem. Durante a socialização é realizada visitas técnicas periódicas na casa da família por parte da equipe do instituto. No começo essas visitas são semanais, até que o cão possa ser liberado do controle de vacinas para saírem na rua, depois disso é realizado visitas quinzenais, por meses, e nos últimos 3 meses visitas mensais. “Essas visitas são para realizar análises e exames nos animais para testificarem se depois de um ano ele receberá o treinamento de cão-guia”.*

“Se nos exames de saúde mostrar alguma alteração o cão é desligado do treinamento, alguma alteração comportamental, pois para ser um cão-guia o comportamento não pode ser os extremos, não pode ser um cachorro que tem medo de tudo, que seja extremamente tímido, que tenham medo de barulho ou de qualquer coisa, e nem aquele cachorro que queira dominar o mundo inteiro”. “Cachorro que apresente algum tipo de agressividade, roncou, avançou ou mordeu alguém é desligado, e isso só é percebido durante essas visitas que são realizadas”.

5 Quando se detecta alguma alteração nos exames de saúde, realiza-se algum tratamento antes do cachorro ser desligado?

Bruna respondeu: *“Depende da alteração ou problema. Displasia é uma causa comum em labrador que só tende a piorar, não tem correção. Um caso desse o cão for para um apartamento, chão liso, irá piorar. Entao é desligado, porque ao invés de esta ajudando o deficiente está intensificando os possíveis problemas”...*

6 Qual o destino dos cães que são desligados?

Janaína respondeu: *“São Colocados para adoção”. Em casos de doenças fica com a família que o socializou. Em casos que envolvem o comportamento do cão, a primeira opção é tentar inclui-lo num outro trabalho que pode ser cao policial, cao terapeuta. Se não der certo em outro trabalho, oferece para a família que socializou. Quando comprado de algum canil, analisa se é possível o seu retorno. A quarta opção tem uma fila de famílias adotivas.*

7 Vocês preferem trabalhar com a Prevenção ou tratamento?

Bruna Respondeu: *“Sempre preso pelo preventivo, mas tem coisas que não conseguimos prever. Trabalhos com medicações tem uma rotina de consultas mensais, independente de qualquer coisa são realizadas mensalmente. Vacinação, vermifugação, remédio de pulga e*

carrapato mensal, avaliação mensal. Mas existem alguns casos que infelizmente não tem como prever, acontece e a gente cuida no momento”.

8 Como é feita a seleção da família socializadora?

Janaína respondeu: “A família que deseja socializar um cão pode entrar no site e realizar tua inscrição”. [...] “Os pré-requisitos para se encaixarem como família socializadora é ter tempo para o cão, pois os mesmos não podem ficar muito tempo sozinho. Para não ter interferência no treinamento eles podem ficar ate duas horas sozinhos. Não tem problema ter outros animais, o outro animal só tem que ser castrado devido à questão do comportamento e que não seja agressivo. Que a casa seja segura para não haver acidentes”.

9 Como é feita a escolha do cão para o deficiente visual?

Janaína respondeu: “Se inscrevem pelo site e lá tem um questionário com varias informações que o deficiente irá deixar. Qual a cidade que mora? Quando perdeu a visão? Qual é o grau que ela tem? A assistente social liga para a pessoa para confirmar as informações, depois vai ate a casa da pessoa com deficiência fazer essa avaliação. Na avaliação é fundamental que a pessoa tenha orientação e mobilidade, que a pessoa saiba aonde esta e pra onde quer ir e que já ande com independência com a bengala”.

10 Porque não tem muitos cães-guias treinados?

Bruna respondeu: “Porque o custo pra isso é alto, um cão-guia custa um carro. Custa em torno de 60.000 reais, e infelizmente, tirando o Instituto Magnus e a Helen keller o resto é tudo do governo”.

“Nos Estados Unidos mesmo sendo ong o projeto cão-guia funciona bem, mas é questão de cultura, lá as pessoas doam, vão conhecer e faz doação. Aqui a gente tem que correr, se mata pra achar uma família para adotar, mesmo a gente doando tudo, custeando tudo, enquanto lá existe filas de espera de famílias socializadoras. Lá a família que esta socializando arca com todos os gastos, veterinário, ração”.

11 Os deficientes visuais conseguem cuidar sozinhos do cachorro?

Janaína respondeu: “Consegue, a gente trabalha os cães pra isso”. “Os cães tanto aqui com a gente como na casa, quando eles vão se alimentar tem horários fixos para a alimentação, e quando coloca a comida a gente apita, pra ele sentar, esperar, a gente apita e ele se alimenta. A gente mantem o cachorro preso em algum lugar na hora de dormir, por que isso?”

Para que a pessoa quando já estiver com o cão-guia consiga localiza-lo, porque como vai achar o cachorro solto? A gente tem uma linha de restrição para que o cão durma próximo ao deficiente. Que fique em um lugar acessível”.